

# Quintais da história da educação fluminense: balanços, gangorras e escorregos

Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra 

Professora Adjunta de História da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPG/ECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ – Duque de Caxias)

José Cláudio Sooma Silva 

Professor Associado de História da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

## Resumo

A partir do histórico da organização do III Encontro de História da Educação do Estado do Rio de Janeiro, ocorrido em 2013, da análise dos trabalhos aprovados e de sua distribuição por Eixos Temáticos, realizamos um balanço da produção. Interrogamos os enquadramentos das pesquisas e problematizamos o que a distribuição dos trabalhos revela e encobre sobre o campo. A análise comparativa da distribuição dos trabalhos pelos eixos das três edições do Congresso evidencia oscilações, permanências e rupturas na configuração do campo de pesquisa em História da Educação. A operação historiográfica que ensaiamos, ao visitar os *quintais* do EHED, lança questões sobre como o tema da história local e regional tem incidido na construção de uma história da educação carioca e fluminense.

**Palavras-chave:** Educação; Historiografia; Rio de Janeiro.

## Abstract

*In the backyards of history of education in Rio de Janeiro: swings, teeter-totters and slides*

Based on the history of the organization of the “III Encontro de História da Educação do Estado do Rio de Janeiro”, that happened in 2013, in the analysis of the approved works and their distribution by thematic axis, we conducted a survey of what was produced. We interrogated the research focus and problematized what the distribution of the works by the axis of the 3 editions of the Congress indicates about the knowledge area. The comparative analysis evidences oscillations, permanences and ruptures in the configuration in History of Education. The historiographic operation we performed, when visiting the backyards of the EHED, raises questions about how the theme of local and regional history has been appearing on the construction of a history education of the city and the state of Rio de Janeiro.

**Keywords:** Education; Historiography; Rio de Janeiro.

## Resumen

*Patios de la historia de la educación fluminense: balances, balancines y resbalines*

A partir del histórico de la organización del III Encuentro de Historia de la Educación del Estado de Río de Janeiro, ocurrido en 2013, del análisis de los trabajos aprobados y de su distribución

por Ejes Temáticos, realizamos un balance de la producción. Interrogamos los encuadramientos de las investigaciones y problematizamos lo que la distribución de esas investigaciones revela o encubre sobre el campo. El análisis comparativo de la distribución de las investigaciones por los ejes de las tres ediciones del Congreso evidencia oscilaciones, permanencias y rupturas en la configuración del campo de investigación en la Historia de la Educación. La operación historiográfica que ensayamos, al visitar los *patios* del EHED, trae cuestiones sobre cómo el tema de la historia local y regional ha incidido en la construcción de una historia de la educación carioca y fluminense.

**Palabras clave:** Educación; Historiografía; Río de Janeiro.

## Os Quintais

Os brincantes do ofício da escrita da História da Educação, de tempos em tempos, gostam de submeter suas ações à luz da análise historiográfica, tanto para festejar, registrar e problematizar a memória sobre aquilo que produzem quanto para detectar permanências e rupturas, realizar planos de ultrapassagem, flertar com o futuro. Assim, este texto insere-se na tradição inventada de, concluídos os eventos, empreender um estudo dos Anais, da Programação Geral e das Sessões de Trabalho de modo a realçar o que anunciam (e silenciam) acerca dos brinquedos e brincadeiras que foram reunidos e apresentados.

Como o modo mais eficaz de aprender uma brincadeira é brincando, de início, assim como fazem as crianças em parques e praças, repetiremos algumas operações concretizadas por iniciativas anteriores (XAVIER, CARVALHO, 2013; GONDRA, 2009, para ficarmos apenas nos balanços do I e II EHED). Nessa medida, é com muita alegria que nos lembramos das reuniões que antecederam e acompanharam a realização da 3ª edição do Encontro de História da Educação do Estado do Rio de Janeiro, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), bairro da Gávea, de 21 a 23 de novembro de 2013.

Doze professoras e três professores de diferentes instituições envolvidas na organização<sup>1</sup> aceitaram o desafio tanto de *brincarem* juntos quanto de estimularem a participação de mais *brincantes*. Nesse momento, impossível não recordar das constantes trocas de e-mails e telefonemas, dos orçamentos e editais de financiamento,

---

<sup>1</sup> A comissão organizadora foi composta pelos seguintes nomes e instituições: Alzira Batalha Alcântara (FEBF-UERJ); Amália Dias (FEBF-UERJ); Ana Waleska Mendonça (PUC-RIO); André de Lemos Freixo (PUC-RIO); Fernando Gouvêa (UFRRJ); José Antônio Sepúlveda (UFF); José Cláudio Sooma Silva (UFRJ); Libania Xavier (UFRJ); Márcia Cabral (UERJ); Nailda Marinho (Unirio); Patrícia Coelho (PUC-RIO); Renata Maldonado (UENF); Sílvia Alícia Martinez (UENF); Sonia Câmara (FFP-UERJ); Tereza Fachada Levy Cardoso (Cefet/RJ).

da definição da programação, dos convites à comissão científica, dos acessos ao site, das discussões, das angústias, dos sorrisos, das partilhas<sup>2</sup>.

Quando terminaram essas *brincadeiras* que ocorreram, principalmente, na PU-C-Rio e na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tínhamos um tabuleiro montado: as funções distribuídas pela comissão, o site com o cronograma e sistema para inscrição e avaliação dos trabalhos, as normas de inscrição, os eixos temáticos, o comitê científico e a programação geral. O evento destinava-se “a todos os interessados na pesquisa histórica sobre temas educacionais: pesquisadores de instituições universitárias e centros de memória, documentação e pesquisa, professores da educação superior, professores da educação básica, profissionais ligados ao ensino e à formação docente, estudantes de graduação e de pós-graduação” (NÚCLEO DE ENSINO E PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2013).

O histórico do Evento justifica a emergência e continuidade do EHED “como parte do rol de experiências que se têm configurado no país, com a organização de historiadores da educação em nível regional” (NÚCLEO DE ENSINO E PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2013).

Bruno Bontempi Jr. (2012, p. 508) identifica na configuração do campo da História da Educação, desde a formação do Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (Anped) em fins da década de 1980, um movimento de defesa da regionalização dos temas de pesquisa, em contraposição a uma tradição historiográfica de privilegiar aspectos nacionais da História da Educação. A produção de uma historiografia local da educação era valorizada em termos dos desafios teórico-metodológicos que acenavam para a necessidade de identificação, preservação de fontes e constituição de acervos documentais em âmbito local e regional. A questão do nacional e do local também esteve inscrita em mesa redonda do I Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) (BONTEMPI JR., 2012, p. 507-8). O descentramento dos polos de irradiação da produção em História da

---

<sup>2</sup> A distância de mais de cinco anos que separa as circunstâncias envolvidas na organização do III EHED do momento em que esta reflexão vem a lume termina por reforçar alguns aspectos que estiveram envolvidos *naquele presente* (e, num certo sentido, permanecem até hoje). Naquela empreitada, tivemos o privilégio da companhia de pessoas extremamente competentes, amigas e generosas. Dentre essas, há uma em particular que passou a nos acompanhar de uma forma especial. Seus ensinamentos, seus conhecimentos, suas aulas, suas orientações, sua alegria, seu comprometimento profissional contribuíram, decisivamente, para a institucionalização do campo da História da Educação fluminense, em particular, e brasileira, como um todo. Nessa medida, este texto é também uma homenagem e um agradecimento à Professora Ana Waleska Pollo Campos Mendonça.

Educação e os esforços em criação de linhas de pesquisa e eventos realizados em regiões fora do Sudeste oportunizaram a emergência de estudos sobre realidades locais pouco iluminadas pela, assim denominada, historiografia nacional.

Frente a essa necessidade, cada vez maior, de serem problematizados os entrelaçamentos, aproximações e distanciamentos entre as histórias gerais, locais e regionais para a ampliação qualitativa da produção do conhecimento em História da Educação, fomos levados a pensar comparativamente o encadeamento dos três Encontros de História da Educação do Estado do Rio de Janeiro (que ocorreram em 2007, 2010 e 2013). Nesse movimento, para análise dos *Quintais* do III EHED, as informações sobre os eixos temáticos e trabalhos inscritos foram organizadas a partir da Programação das Sessões de Trabalho disponível no site do evento, onde constam os arquivos dos resumos dos trabalhos e, no interior dos resumos, a identificação do Eixo Temático e tipo de trabalho (pôster ou comunicação). A partir do CD-ROM dos Anais do Evento, em comparação com a Programação Geral das Sessões, identificamos com maior precisão a classificação dos trabalhos completos por Eixo. Os textos completos permitiram o reconhecimento das instituições de filiação dos autores<sup>3</sup>.

A partir desse mapeamento empreendido ao III EHED e daquilo que foi apresentado nos balanços das duas edições anteriores, elaboramos o quadro comparativo da incidência de trabalhos por Eixo, sinalizando determinadas recorrências e outras inconstâncias. Dentro dos recortes e objetivos almejados, tais dimensões contribuem para que este balanço seja percebido, muito mais, como um esforço de sistematização e organização das temáticas, realces e circunstâncias que estiveram envolvidas no evento. Nessa linha, para estimular outros desdobramentos analíticos e interpretações no campo, optamos por registrar alguns questionamentos, cuidados teórico-metodológicos e convites que indiciam aspectos que, acreditamos, ainda não foram suficientemente explorados em termos de História da Educação do Estado do Rio de Janeiro.

De posse dessas considerações, de largada, convém sublinhar que os trabalhos do III EHED foram alocados em 33 sessões. Na abertura do evento houve a primeira, que concentrou os pôsteres, como modo de valorizar este tipo específico de produção. As outras 32 sessões foram distribuídas entre a sexta-feira e o sábado. A Comissão Organizadora, nesta edição, arriscou projetar o evento no sábado, com o objetivo de

---

<sup>3</sup> Agradecemos à colaboração de Andresa da Silva Guedes, aluna de graduação em Pedagogia da UERJ-FEBF e bolsista de Extensão do Projeto de Extensão História e Educação na Baixada Fluminense, no mapeamento das atribuições dos resumos por Eixos Temáticos.

atrair a participação de universitários dos turnos noturnos e de professores da Educação Básica. Em relação, ainda, aos professores da Educação Básica, foram “especialmente dirigidas” quatro oficinas pedagógicas (NÚCLEO DE ENSINO E PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO 2013).

No que diz respeito aos pertencimentos institucionais dos pesquisadores que tiveram seus trabalhos aprovados no III EHED, o mapeamento efetivado atesta a função social exercida pelas universidades públicas no campo da História da Educação no Estado do Rio de Janeiro (com ênfase nos cursos de graduação e pós-graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (*Campi* Maracanã, FEBF-Duque de Caxias e FFP-São Gonçalo) e UFRJ lideraram os números de trabalhos aprovados, com participação relevante e proporcional em quase todos os eixos temáticos. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, Universidade Federal Fluminense – UFF, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ (Instituto Multidisciplinar e Sero-pédica) e Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF novamente colaboraram no quadro de primazia de trabalhos oriundos das universidades públicas. A PUC-RJ liderou o quadro das universidades privadas. Houve trabalhos vinculados à Universidade Estácio de Sá – Unesa, Faculdade de Belford Roxo – Fabel, ABEU Faculdades Integradas – Uniabeu, Universidade Cândido Mendes – UCAM, Universidade Veiga de Almeida – UVA e Universidade Gama Filho. Destacamos, ainda, a participação de comunicações apresentadas com vinculação a secretarias municipais de ensino e a centros de memória e preservação de acervos<sup>4</sup>, assim como trabalhos da Fundação de Apoio à Escola Técnica – Faetec e do Colégio Pedro II (diferentes unidades).

Sobre o alcance e a importância assumidos pelo III EHED, sublinhamos a presença de pesquisadores oriundos de universidades públicas ou privadas de Minas Gerais, São Paulo (Marília, Santos, São Carlos, Capital), Santa Catarina (Chapecó, Florianópolis), Paraná, Mato Grosso, Goiás, Sergipe, Pernambuco, Maranhão, Piauí e Amazonas. Finalmente, destacamos, ainda, o caráter democrático deste tipo de evento que, por sua própria destinação de divulgação do campo da História da Educação, oportuniza a inserção de novos pesquisadores, desde alunos do ensino médio, docentes, graduandos e pós-graduandos, com diferentes taxas de inscrição.

---

<sup>4</sup> Foram identificadas, pelo menos, 35 instituições e ressaltamos que os trabalhos oriundos de centros de documentação (cinco) e de secretarias municipais de ensino (treze) não foram distinguidos por rede ou localidade. Cabe lembrar que o I EHED contou com a participação de 24 instituições (Gondra, 2009, p. 146).

## Balanços e Gangorras

Nunca é demais enfatizar o caráter de *aleatoriedade* que se encontra presente em toda e qualquer iniciativa que tencione reunir e socializar um número significativo de pesquisas que foram (ou estão sendo) desenvolvidas. Isso porque, tanto a autoatribuição (no caso dos autores) quanto a distribuição (no caso dos integrantes da comissão organizadora) sinalizam para esforços que são mobilizados para se encaixar os trabalhos neste ou naquele Eixo Temático delimitado. Contudo, como bem sabemos, uma mesma pesquisa pode abordar diferentes temas e problemáticas. Assim, os Eixos Temáticos que geralmente se constituem como balizas para a produção das sessões de trabalho, dos Anais do Evento e dos Balanços, podem ser pensados como *gangorras* e *escorregos*. Afinal, a análise da distribuição quantitativa de trabalhos por eixo pode oscilar como uma *gangorra*, mas sem substancialmente modificar os movimentos do campo, assim como podem funcionar como *escorregos*, deixando escapar outras possibilidades de catalogação, de análise e de interrogação daquilo que foi produzido e divulgado.

Na primeira edição do EHED, em 2007, os Eixos Temáticos foram definidos após a inscrição dos trabalhos, que reuniu 185 comunicações e 22 pôsteres: “A partir dos resumos é que se pensou uma distribuição dos mesmos em eixos mais amplos que enfeixassem um certo conjunto, aglutinado a partir de objetos mais ou menos comuns” (GONDRA, 2009, p. 144).

Convém, aqui, ressaltarmos o “potencial de indução dos títulos atribuídos aos eixos temáticos” (BONTEMPI JR., 2012, p. 512). A esse respeito, (SAVIANI et al. 2012) em artigo sobre a história e ações da Sociedade Brasileira de História da Educação afirmam que a denominação dos eixos serve de estratégia para corresponder e expressar “preocupações majoritárias da investigação na área” (Idem, p. 33) mas, também, para fomentar a adesão a “debates que, ainda que escassos no campo, são tidos pela SBHE como necessários” (Ibid.).

Curioso notar que os dez eixos definidos no I EHED (2007) foram os mesmos propostos na segunda edição (2010), tendo sido acrescentado “Educação, escola e diversidade”. Em função de algumas considerações sobre o número de trabalhos inscritos por eixo na edição de 2010 (quando foram reunidos 178), a Comissão Organizadora do III EHED fundiu os Eixos “Políticas educacionais” e “Movimentos sociais e luta pela escola”. Foi composto o eixo “Educação: movimentos sociais e políticas públicas”, voltando o evento a oferecer dez eixos temáticos para inscrição de trabalhos (Ver Quadro 1).

**Quadro 1** – Trabalhos aprovados por Eixos Temáticos no I EHED, 2007<sup>5</sup>.

Eixos Temáticos	Comunicação	Pôster	Comunicação+Pôster	%
Movimentos sociais e luta pela escola	20	3	23	11,11%
Políticas educacionais	33	6	39	18,84%
Imprensa, impressos e educação	13	1	14	6,76%
Profissão Docente	24	2	26	12,56%
Intelectuais e ideias pedagógicas	13	1	14	6,76%
Historiografia da educação e fontes	18	3	21	10,14%
História da infância e da educação infantil	15	0	15	7,25%
História das disciplinas escolares	18	1	19	9,18%
Instituições escolares, culturais e científicas	18	4	22	10,63%
Cultura escolar e práticas educativas	13	1	14	6,76%
<b>TOTAL</b>	<b>185</b>	<b>22</b>	<b>207</b>	

**Quadro 2** – Trabalhos aprovados por Eixos Temáticos no II EHED, 2010<sup>6</sup>.

Eixos Temáticos	Comunicação	Pôster	Comunicação+Pôster	%
Movimentos sociais e luta pela escola	4	0	4	2,25%
Políticas educacionais	23	5	28	15,73%
Imprensa, impressos e educação	15	2	17	9,55%
Profissão Docente	12	3	15	8,43%
Intelectuais e ideias pedagógicas	21	3	24	13,48%
História da Educação e fontes	16	2	18	10,11%
História da infância e da educação infantil	7	1	8	4,49%
História das disciplinas escolares	10	0	10	5,62%
Instituições escolares, culturais e científicas	24	4	28	15,73%
Cultura escolar e práticas educativas	16	6	22	12,36%
Educação, escola e diversidade	3	1	4	2,25%
<b>TOTAL</b>	<b>151</b>	<b>27</b>	<b>178</b>	

<sup>5</sup> Informações extraídas de Gondra (2009, p. 143).

<sup>6</sup> Informações extraídas de Xavier e Carvalho (2013, p. 105).

**Quadro 3** – Trabalhos aprovados por Eixos Temáticos no III EHED, 2013<sup>7</sup>.

Eixos Temáticos	Comunicação	Pôster	Comunicação+Pôster	%
Educação: movimentos sociais e políticas públicas	17	1	18	8,82%
Imprensa, impressos e educação	18		18	8,82%
Profissão docente	23	2	25	12,25%
Intelectuais e ideias pedagógicas	27	2	29	14,22%
Historiografia da educação e fontes	27	3	30	14,71%
História da infância e da educação infantil	2	2	4	1,96%
História das disciplinas escolares	11		11	5,39%
Instituições escolares, culturais e científicas	34		34	16,67%
Cultura escolar e práticas educativas	20	8	28	13,73%
Educação, escola e diversidade	7		7	3,43%
<b>TOTAL</b>	<b>186</b>	<b>18</b>	<b>204</b>	

Os eixos temáticos das três edições do EHED apresentam continuidade e revelam parentesco com aqueles presentes nos Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHE), como podemos comparar com as informações sistematizadas em (SAVIANI et al., 2012, p. 33). Para que se tenha uma ideia, no mesmo ano do III EHED aconteceu em Cuiabá (MT) o VII CBHE, que elegeu como temáticas os “Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil”. Todas as temáticas privilegiadas pelos eixos do III EHED encontram-se, também, nos dez Grupos de Trabalho do evento nacional (SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO 2013) havendo, portanto, correspondência tanto das áreas majoritárias de interesse quanto da valorização da reflexão teórico-metodológica sobre a história local e história da educação.

Diversos balanços – do EHED e de outros eventos nacionais em História da Educação – atestam como permanências do campo da História da Educação a grande quantidade de trabalhos inscritos no Eixo Políticas Educacionais e Movimentos Sociais (BONTEMPI JR. 2011, p. 509; XAVIER, CARVALHO, 2013,

<sup>7</sup> Índices elaborados a partir dos resumos disponíveis na página da Programação Geral das Sessões de Trabalho (Disponível em: <http://www.3ehed-rj.com.br/index.php#>) e do CD-ROM dos Anais do evento.

p. 104; SAVIANI et al. 2012). Por isso é interessante observar a seguinte decisão da comissão do III EHED: o Eixo “Políticas Educacionais” foi o “campeão” de inscrições em 2007 e 2010 (Quadros 1 e 2), mas “Movimentos sociais e luta pela escola” havia demonstrado diminuição em 2010 (empatado no último lugar com um eixo recém-criado no II EHED). Na fusão promovida em 2013, nota-se ainda a diminuição de inscrição de trabalhos no eixo “Educação: movimentos sociais e políticas públicas” (6º lugar).

Nesse caso, o balanço sobre o III EHED sinaliza uma situação contrária ao que acontece nos eventos nacionais do campo? Em função dos recortes e limites deste balanço, consideramos que seja precipitado apontar para um declínio. Até porque o tema das políticas e das relações entre agências da sociedade civil e sociedade política perpassam os tipos documentais e o desenvolvimento de estudos alocados em outros eixos. É a renovação dos modos de se produzir a história política, muitas vezes problematizados pelas críticas oriundas da história cultural e das renovações do campo do marxismo, que tem possibilitado a alocação destes trabalhos em novos estudos sobre instituições, práticas educativas, profissão docente, intelectuais etc.

Apesar das margens amplas de possibilidade de aporte de uma pesquisa em mais de uma temática do campo da História da Educação, ensaiamos uma comparação do volume de trabalhos aprovados por eixo (Ver Quadro 4).

“Instituições escolares, culturais e científicas” foi o eixo com o maior número de trabalhos aprovados no III EHED, consolidando sua posição, já que havia sido o vice-campeão em 2010, tendo ficado atrás de Políticas Educacionais.

Na comparação da distribuição dos trabalhos nas três edições, além do decréscimo de inscrições em Políticas Educacionais e Movimentos Sociais, notamos outra inversão importante. “Intelectuais e ideias pedagógicas” e “Cultura escolar e práticas educativas” aparecem empatados em último lugar na distribuição dos trabalhos por Eixo em 2007. Em 2010 e 2013 ocupam, respectivamente, o 3º e 4º lugares. Teríamos, aqui, um caso em que antigos e novos objetos do campo da História da Educação cresceram paralelamente? No balanço produzido sobre o II EHED, os autores situam os eixos “Cultura escolar e práticas educativas” e “história das disciplinas escolares” como “novos eixos de investigação”, configurados nos últimos vinte anos, enquanto políticas, intelectuais e ideias pedagógicas figuravam

como temáticas tradicionais que persistem na configuração do campo (XAVIER, CARVALHO, 2013, p. 104).

Enquanto “História das Disciplinas Escolares” e “Imprensa, impressos e educação” mantêm o movimento de balanço e pouco oscilam quanto à sua posição nas três edições do evento, destacamos o aumento de inscrições aprovadas para “Instituições escolares, culturais e científicas” e “Historiografia da educação e fontes”.

**Quadro 4** – Perspectiva comparada da distribuição dos trabalhos por eixo temático\*.

I EHED, 2007		II EHED, 2010		III EHED, 2013	
EIXO	%	EIXO	%	EIXO	%
Políticas educacionais	18,8%	Políticas educacionais	15,7%	Instituições escolares, culturais e científicas	16,7%
Profissão Docente	12,6%	Instituições escolares, culturais e científicas	15,7%	Historiografia da educação e fontes	14,7%
Movimentos sociais e luta pela escola	11,1%	Intelectuais e ideias pedagógicas	13,5%	Intelectuais e ideias pedagógicas	14,2%
Instituições escolares, culturais e científicas	10,6%	Cultura escolar e práticas educativas	12,4%	Cultura escolar e práticas educativas	13,7%
Historiografia da educação e fontes	10,1%	História da Educação e fontes	10,1%	Profissão docente	12,3%
História das disciplinas escolares	9,2%	Imprensa, impressos e educação	9,6%	Educação: movimentos sociais e políticas públicas	8,8%
História da infância e da educação infantil	7,2%	Profissão Docente	8,4%	Imprensa, impressos e educação	8,8%
Imprensa, impressos e educação	6,8%	História das disciplinas escolares	5,6%	História das disciplinas escolares	5,4%
Intelectuais e idéias pedagógicas	6,8%	História da infância e da educação infantil	4,5%	Educação, escola e diversidade	3,4%
Cultura escolar e práticas educativas	6,8%	Movimentos sociais e luta pela escola	2,2%	História da infância e da educação infantil	2,0%
		Educação, escola e diversidade	2,2%		0,0%

\*Índices elaborados a partir das informações dos Quadros 1, 2 e 3.

Para além das comparações sobre o desempenho de um mesmo eixo ao longo das edições do EHED e da comparação entre as preferências por classificações temáticas entre as edições, é importante nos aproximarmos daquilo que os trabalhos podem indiciar sobre o nosso ofício. Buscamos, assim, verificar a pertinência dos Eixos Temáticos propostos a partir dos resumos e textos completos dos trabalhos inscritos.

As propostas submetidas ao Eixo “Instituições escolares, culturais e científicas” reverberam maior número de trabalhos sobre instituições escolares, do que sobre instituições culturais ou científicas alheias ou interessadas no universo da escolarização formal.

Ao analisar o Eixo “Historiografia da Educação e Fontes”, percebe-se a presença de um número maior de trabalhos sobre as fontes do que exercícios historiográficos. E mesmo nos trabalhos que se debruçam sobre as fontes, é mais frequente o desenvolvimento do estudo do objeto a partir das fontes do que o enfoque numa reflexão teórico-metodológica sobre o corpus documental. Em relação às edições anteriores, o eixo apresentou um significativo crescimento.

No Eixo “Intelectuais e ideias pedagógicas” prevalecem pesquisas sobre os sujeitos, as trajetórias e biografias de intelectuais atuantes no campo educacional. As “ideias pedagógicas”, na medida em que são contempladas neste eixo, figuram na maioria dos casos em análises sobre a circulação e apropriações de reflexões do campo educacional ou que sobre este incidiram, as ações, instituições e experiências como a presença das ideias anarquistas e libertárias no Brasil.

Em “Cultura escolar e práticas educativas” nossa análise indicia um enquadramento maior sobre o tema das “práticas educativas” do que investimentos no exame da “cultura escolar”, ainda que as duas categorias que configuram o eixo costumem estar teórica e metodologicamente alinhadas.

Nos trabalhos inscritos em “Profissão Docente”, assentam-se as histórias de emergência de cursos normais, a formação de licenciados e normalistas, assim como aspectos da profissionalização no exercício da carreira. Ocupam relevância estudos sobre história oral e narrativa autobiográfica. As políticas públicas contemporâneas de profissionalização, formação continuada e as percepções dos docentes em face dessas novas políticas também são visitadas.

Em “Educação: movimentos sociais e políticas públicas”, a maioria dos trabalhos versa sobre políticas públicas e reformas educativas. “Imprensa, impressos e educação” ancora reflexões sobre as potencialidades dos impressos como fontes e como objetos de pesquisa.

Os trabalhos reunidos no eixo “História das disciplinas escolares” satisfazem os contornos desta frente de pesquisa enquanto o Eixo “Educação, escola e diversidade” contém trabalhos acerca da educação e dos direitos sociais, das temáticas das relações raciais, de gênero e de portadores de necessidades especiais.

A temática da infância e de sua escolarização está presente em todos os eixos, o que talvez explique o reduzido número de trabalhos que foi destinado ao Eixo específico “História da Infância e da Educação Infantil”.

Assim, enquanto balanço temático, constata-se o movimento de *gangorra* que ocorre no interior de alguns eixos, posto que as instituições escolares, fontes, intelectuais, práticas educativas, políticas educacionais, impressos, tiveram maior audiência do que os temas de instituições científicas e culturais, a historiografia, ideias pedagógicas, movimentos sociais, diversidade ou, ainda, a dispersão dos estudos sobre infância e da educação infantil nos demais eixos temáticos.

Sobre a periodização dos trabalhos do III EHED, esquematicamente, pode-se afirmar que acompanhou aquilo que já vem sendo apresentado por outros balanços do campo da História da Educação. É costume do ofício (e exigência dos eventos) que os autores informem a periodização que, em geral, se apresenta delimitada por questões inerentes aos objetos ou às fontes e demarcada em períodos curtos, intervalos de anos e décadas. A periodização não é apresentada quando se trata de trabalhos mais teóricos ou historiográficos e há poucos casos de trabalhos de longa duração, que cubram cem anos ou mais. Há maior incidência de estudos sobre a História da Educação no século XX, sendo relevante para o período anterior a presença de estudos sobre a segunda metade do século XIX. A mesma situação foi verificada em 2007 (GONDRA, 2009, p. 148).

Na análise da periodização dos estudos sobre o século XX destaca-se a maior incidência de trabalhos sobre a denominada Primeira República (com ênfase nos anos iniciais ou na década de 1920), mas, também, nesta edição do evento foi constatada a presença significativa de estudos de periodização alargada entre o pós-1945 e a década de 1980. Estudos que demarcam o período inicial da Ditadura Militar de 1964 costu-

mam adentrar todo o período de Redemocratização. Notamos, finalmente, a presença de estudos de História da Educação do tempo presente, a partir de marcos temporais dos anos 2000 a 2012.

## Escorregos

A criação do Encontro de História da Educação do Rio de Janeiro tinha a expectativa de fomentar uma escala de divulgação, de intercâmbio e de observação acerca dos aspectos regionais e locais, sobre como a história regional é operacionalizada por essa comunidade de pesquisadores. Nessa perspectiva, outro interesse era estimular estudos sobre o Estado do Rio de Janeiro e suas regiões que não se confundem com a escrita de uma história “nacional” da educação. Para tanto, era importante divulgar e ajudar a instituir acervos e fontes que descortinassem essas regiões que, na historiografia fluminense, ficam à sombra da história da cidade do Rio de Janeiro, parecendo *escorregar* na escrita da história.

Desde as reflexões condensadas sobre o I EHED (2007), reconhecia-se que os enquadramentos privilegiavam a cidade do Rio de Janeiro enquanto cenário de estudos sobre a História da Educação – por ter sido sede administrativa da Colônia, do Império, município neutro da corte, capital da República e capital do estado do Rio de Janeiro (XAVIER, 2009, p. 54). Nesses recortes, o território da atual cidade carioca constituía-se como posição de análise para enredos centrais ou nacionais da História da Educação. A sistematização dos trabalhos aprovados naquela ocasião confirmava essa tendência.

Na análise dos trabalhos do II EHED (2010), lembrava-se a oportunidade que o evento representava para o mapeamento da produção de pesquisas de “cor-te regional” na produção historiográfica fluminense e comemorava-se: “é inegável reconhecer o deslocamento da investigação histórico-cultural para regiões e coletividades do Estado do Rio de Janeiro que, durante longo tempo, mereceram pouca atenção” (XAVIER; GARCEZ, 2013, p. 117). Esse alargamento temático, contudo, colocava em pauta o debate e “a experimentação de aportes teórico-metodológicos adequados aos desafios impostos pela questão local e regional” (Idem). É, portanto, pertinente ressaltar o esforço e a preocupação dos historiadores da educação com a escrita da história do Estado, com o desejo por uma história regional que teria a função de distinguir e articular o local, o nacional e o global. Os livros produzidos a

partir dos eventos reiteram o desejo de fundação de um periódico sobre História da Educação fluminense (Gondra, 2009, p. 153) e as conferências e mesas eram compromissadas com os objetivos do evento.

Nos preparativos do III EHED, ocupou espaço nos debates da Comissão Organizadora o questionamento sobre a aceitação, ou não, de trabalhos que não versassem sobre o Rio de Janeiro. A opção por não adotar esse crivo, permitiu a participação de instituições de fora do Estado e de estudos alheios à temática da história regional fluminense ou mesmo carioca, mas que também compartilhavam do estatuto de história regional.

No entanto, para efeitos da memória do evento, interessa-nos observar em que medida uma historiografia carioca e fluminense compareceu nos *quintais* do EHED. Observamos as localidades da cidade do Rio de Janeiro ou regiões do Estado que se inscreveram na historiografia local, como por exemplo: Madureira, São Cristóvão, Quintino, Guaratiba, Niterói, Campos dos Goytacazes, São Fidélis, Iguaçu, Nova Iguaçu, Mesquita, Duque de Caxias, Itaguaí, São Gonçalo, Bom Jesus do Itabapoana, Vassouras, Paraíba do Sul, Paty do Alferes, Região dos Lagos (cidades não identificadas).

Mas, caberia uma análise historiográfica dos movimentos teóricos e epistemológicos que estão sendo criados pelos pesquisadores para o enquadramento destes novos territórios e fronteiras, assim como dos acervos documentais eleitos. Em que medida os pesquisadores estão problematizando os enquadramentos das fronteiras espaciais de seus estudos? Como estão lidando com o espaço, com as paisagens urbanas e rurais, com as periodizações e marcos políticos de vilas, freguesias, distritos, municípios, emancipações? As adoções de escalas regionais estão sendo percebidas menos como cenários e mais como operações historiográficas realizadas pelo pesquisador? Quais os desafios na constituição de fontes e de repertórios analíticos? Quais novas problemáticas de pesquisa os estudos ditos regionais prospectam para o campo da História da Educação?

É preciso superar qualquer percepção da história local e regional como de interesse apenas dos conterrâneos locais das regiões eleitas, ou como variações e repercussões de experiências nacionais já conhecidas. Isso porque, como provocava Luciano Mendes de Faria Filho (2009, p. 62), convidado do I EHED, em 2007: a história

regional existe? A região corresponde a uma realidade que preexiste à operação historiográfica realizada pelo pesquisador?

Essas reflexões contribuem para que seja, cada vez mais, fortalecida a necessidade de ampliarmos as problematizações referentes à própria historiografia da educação carioca. Sobre esse aspecto, de início, convém enfatizar que, pelo menos, há trinta anos as profícuas aproximações da História da Educação com a História da cidade do Rio de Janeiro contribuíram (e permanecem contribuindo) para que as características cidadinas deixassem de ser perspectivadas, somente, como dimensões condizentes ao “contexto” e/ou “pano de fundo” onde se desenrolavam os saberes, as prescrições e as práticas escolares. No lugar disso, a ênfase dos estudos preocupados em investigar as experiências educacionais intentadas incidiu sobre os desafios de se examinar a questão de que tanto as circunstâncias relacionadas ao viver carioca produziram alterações nos espaços e tempos escolares quanto foram, significativamente, por eles modificadas.

Em que se pese a relevância desse movimento em História da Educação Carioca, afigura-se como pertinente a afirmação de que as investigações referentes às esferas cidadinas se concentraram (e permanecem se concentrando) em algumas partes específicas da cidade. Nessa medida, o desafio de abarcar outros tempos e espaços sociais e escolares, caracteriza-se como um convite.

Afinal, sobre a aparente homogeneidade das fronteiras territoriais, a cidade do Rio de Janeiro foi (e permanece sendo!) constituída por paisagens plurais, de oportunidades educacionais desiguais e de diferentes condições de deslocamento, acessibilidade, infraestrutura e permanência para alunos, funcionários, inspetores, docentes e familiares. As relações entre localidades urbanas, população e núcleos suburbanos e rurais, assim como os movimentos de luta pela escola condicionam a distribuição da malha escolar e do tipo de instrução oferecida.

Colocar em relevo essas dimensões sinaliza para um movimento interessado em realçar as tensões, as disputas, as lutas, os debates que estiveram (e continuam) envolvidos nas circunstâncias do viver carioca que, juntos, modificam, alteram e (re) constroem a geografia cidadina. Isso diz respeito, sobretudo, à transformação das *utopias* dos espaços harmônicos, rigidamente delimitados em *heterotopias* que seriam caracterizadas, justamente, pelos usos e apropriações que os sujeitos sociais empreenderiam aos lugares a partir, e em função, das necessidades, possibilidades e exigências

de cada período histórico (FOUCAULT, 2003). O que concorreria, mesmo, para a configuração de todo um conjunto de *(re)invenções cotidianas* – parciais, conflituosas, fragmentadas, contraditórias – da cidade do Rio de Janeiro.

Tais ponderações, acreditamos, constituem-se como sugestivas para reforçar a certeza de que os recortes semânticos empregados para ancorar um estudo, sob hipótese alguma, carregam um repertório de significados próprios e imutáveis, passível de ser utilizado indistintamente em variadas circunstâncias e épocas (CERTEAU, 1982, p. 104-5). Antes mais, as nomenclaturas, conceitos e categorizações são engendrados pelos sujeitos sociais em seus *diferentes presentes*. Nessa medida, caberia a toda e qualquer investigação, portanto, o desafio adicional de pôr no seu horizonte de preocupações – para não correr o risco de *escorregar* nas generalizações e/ou aligeiramentos – a problematização daquilo que era definido (ou não) pelo emprego desta ou daquela expressão num determinado período histórico.

Disso decorre que, no caso cidade do Rio de Janeiro e dos outros territórios fluminenses, as *delimitações espaciais* que foram (ou são) empregadas para definir uma zona, uma freguesia, um distrito, um bairro, uma vila etc. não devem ser percebidas sob o signo da universalidade. Afinal, como nos recorda, também, Marc Bloch (2001, p. 59): “para grande desespero dos historiadores, os homens não têm o hábito, a cada vez que mudam de costumes, mudar de vocabulário”. Nessa linha, no lugar do consenso e/ou da imutabilidade, “palavras” como *urbano, suburbano, rural, centro, periferia, afastado, arrabalde* (para ficarmos, apenas, em alguns exemplos) mereceriam maiores atenções por parte da comunidade de historiadores da educação.

A perspectiva de assumir as fronteiras territoriais e as escalas de urbano e rural como “lugar epistemológico” (Faria Filho, 2009) permite pensar as possibilidades de diversidade e heterogeneidade no desenvolvimento dos processos de escolarização. Rural e urbano, então, mais do que paisagens naturais e fixas, revelaram-se móveis, impregnadas de historicidade e especificidades em função dos diferentes contextos (Williams, 2011). Portanto, lidar com essas categorias requer situar algumas questões, como a historicidade desses termos, as disputas em curso sobre os significados assumidos, os sentidos atribuídos, os contrastes forjados.

Essas precauções teórico-metodológicas são significativas para que, talvez, consigamos evitar determinadas *escorregadas* que, ainda, têm conhecido os seus lugares de enunciação no campo da História da Educação Carioca e Fluminense, e mui-

tos trabalhos aprovados no III EHED são testemunhos disto. Acerca desse ponto, convém sublinhar: 1) não, necessariamente, os sujeitos sociais residentes desta ou daquela localidade da cidade ou do estado enxergavam-se, em seus *presentes*, como “urbanos”, “suburbanos”, “periféricos”, “interioranos” etc.; 2) a divisão por zonas, por exemplo, urbana, suburbana e rural carregava (e carrega ainda) consigo rebatimentos financeiros (especulação imobiliária, valorização de localidade, desprestígio de outras, carga de taxas e impostos diferentes); 3) de acordo com as especificidades de cada período histórico, essas *delimitações espaciais* são variáveis. Nessa medida, dentre outras problematizações possíveis (ou, mais ainda, imprescindíveis), importa destacar que “ser rural”, “ser urbano”, “morar afastado e /ou no arrabalde” etc. no século XIX foram caracterizações que não permaneceram as mesmas no século XX, tampouco no XXI.

Não é o caso de prosseguir com essa enumeração exaustiva. Registramos esses exemplos, dentre outros que poderiam ser listados, apenas para explicitar a importância de um comparecimento maior dessas problematizações para aquelas pesquisas que se interessam pela História da Educação Carioca e Fluminense.

## Considerações Finais

Ao refletir sobre o ofício dos historiadores Michel de Certeau (1982), em um texto que já se tornou “clássico”, logo no início de sua costura argumentativa sentencia para que não pairassem dúvidas: “Uma vez por todas, quero precisar que emprego a palavra *história* no sentido de *historiografia*” (p. 109). Nessas palavras fortes, o anseio de explicitar a impossibilidade de dissociar os procedimentos de separação, composição e reagrupamentos documentais da *operação historiográfica* que é construída. Tal operação aludiria a uma tríplice combinação de fatores: 1) o *lugar social* da fala dos historiadores, 2) certo número de preocupações críticas e problematizadoras que, necessariamente, devem ser colocadas em cena por esses profissionais (a *instituição histórica*) e 3) os resultados dessas operações historiográficas: as *escritas das histórias*.

Dentre as muitas possibilidades aventadas para rumarmos para o fechamento deste texto, o retorno a essas considerações de Michel de Certeau nos pareceu a mais adequada para enfatizarmos um aspecto fundamental. Até que ponto as *operações historiográficas* de grande número de trabalhos aprovados no III EHED não foram re-

duzidas “às práticas de balanço da produção, que têm sua utilidade como recenseamentos, mas que não são capazes de apontar tendências, tampouco, de formular críticas”? (BONTEMPI JR. 2012, p. 511).

Em parte, essa redução se deve a algumas das características que têm presidido a organização dos eventos do campo; a esse respeito, dentro dos limites e recortes conferidos, optamos por realçar duas delas. A primeira refere-se à questão de que os resumos das propostas são enviados para avaliação sem que, necessariamente, os textos tenham sido desenvolvidos em sua integralidade. Nessa linha, ao invés de cumprirem o papel de sistematizar o que foi realizado com o estudo efetivado, cada vez mais têm se constituído como uma *carteira de intencionalidades* daquilo que os autores esperam alcançar com o texto que será elaborado e enviado após o *aceite* da proposta por parte do Comitê Científico. A segunda característica, por seu turno, diz respeito ao próprio formato dos trabalhos completos, quando os autores precisam submeter suas prioridades de escrita àquilo que poderá ser debatido em 15 minutos de apresentação, em média.

Essas duas dimensões concorrem para que tenhamos que conceber os resumos e os trabalhos apresentados no EHED (bem como nos demais eventos do campo) como pistas para a construção, cada vez mais necessária, de mapeamentos de monografias, dissertações e teses<sup>8</sup>. Igualmente, acreditamos que, nesses eventos, as conferências e mesas redondas são fundamentais para o aprofundamento do exame do estatuto da história regional da educação e das questões que formulamos anteriormente.

Os alcances de eventos como o III EHED, portanto, devem ser avaliados também na repercussão que obtêm nos estudos em andamento da área. De que modo os textos das conferências e mesas redondas podem ser retomados nos estudos da área? Isso porque tais investimentos de análise possibilitariam perscrutar com maior profundidade, acreditamos, os (des)caminhos da historiografia da educação fluminense que, no momento, nos *escapam, escorregam*.

Que essas indagações, neste momento, contribuam para a emersão de outras investigações em relação à História da Educação Carioca e Fluminense. Que essas

---

<sup>8</sup> Nesse sentido, pode ser insuficiente o mapeamento nos programas de Pós-Graduação do estado. Veja-se, por exemplo, a operação historiográfica de delimitar uma freguesia, dentro do Município Neutro, realizado por Angélica Borges em tese defendida na Universidade de São Paulo (2014).

investigações, retomando a interlocução estabelecida com Michel de Certeau (1982), tencionem empreender efetivas *operações historiográficas*. Finalmente, que tais operações – ao lado dos *balanços* – estejam especialmente interessadas em se debruçar com mais vagar sobre os (des)caminhos trilhados, as experiências construídas, as contradições vivenciadas, as delimitações territoriais disputadas e negociadas em diferentes períodos históricos. Ao término deste *balanço* do III EHED, esses são os convites que gostaríamos de registrar acerca do que se afigura, não apenas como possível, mas, sobretudo, como imprescindível para melhor conhecermos este estado, esta cidade, seus lugares e seus habitantes.

## Referências

BLOCH, M. *Apologia à história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

BONTEMPI JR, B. A história da educação na RBEP (1999-2011). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 93, n. 234, p. 502-18, 2012. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.93i234.452>

BORGES, A. *A urdidura do magistério primário na corte imperial: um professor na trama de relações e agências*. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, SP, 2014.

CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1982

FARIA FILHO, L. M. História da educação e história regional: experiências, dúvidas e perspectivas. In: MENDONÇA, A. W. C. P. et al. (Orgs.). *História da educação: desafios teóricos e empíricos*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2009. p. 57-66.

FOUCAULT, M. Outros espaços. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos III: estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro, RJ Forense Universitária, 2003. p. 411-22

GONDRA, J. G. Para uma história do I encontro de história da educação do Rio de Janeiro. In: MENDONÇA, A. W. C. P. et al. (Orgs.). *História da educação: desafios teóricos e empíricos*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2009. p. 138-55.

NÚCLEO DE ENSINO E PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – NE-PHE. *Anais do 3. encontro de história da educação do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ, 2013. Disponível em: <<http://www.3ehed-rj.com.br/index.php>>. Acesso em: 28 set. 2015.

SAVIANI, D. et al. Sociedade brasileira de história da educação: constituição, organização e realizações. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 11, n. 3 (27), p. 13-45, set./dez. 2011.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - SBHE. *Anais do 7. Congresso Brasileiro de História da Educação*. Cuiabá, MT, 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.

XAVIER, L.; CARVALHO, F. G. Apontamentos sobre a história da educação configurada no II encontro do Rio de Janeiro (2010). In: BONATO, N.; XAVIER, L. (Orgs.). *A História da educação no Rio de Janeiro: identidades locais, memória e patrimônio*. Rio de Janeiro, RJ: Letra Capital, 2013. p. 102-20.

XAVIER, L. História da educação e história local. In: MENDONÇA, A. W. C. P. et al. (Orgs.). *História da educação: desafios teóricos e empíricos*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2009. p. 51-6.

**Submissão em:** 23-09-2018

**Aceito em:** 14-05-2019